

EPICURO E AS BASES DO EPICURISMO II

Coleção **ENSAIOS FILOSÓFICOS**

- *Ética e política em Aristóteles: Physis, Ethos, Nomos*, Solange Vergnières
- *A República de Platão: um guia de leitura*, Luke Purshouse
- *Epicuro e as bases do epicurismo I*, Miguel Spinelli
- *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*, Ivo Assad Ibri
- *Isócrates e Nietzsche: uma relação perigosa?*, Yolanda Gloria Gamboa Muñoz
- *Epicuro e as bases do epicurismo II: a Física de Epicuro*, Miguel Spinelli

MIGUEL SPINELLI

EPICURO
E AS BASES
DO EPICURISMO II
A FÍSICA DE EPICURO



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Sílvia Ribas*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*
Gerente de design: *Danilo Alves Lima*
Diagramação: *Paulo Cavalcante*
Imagem da capa: *iStock*
Impressão e acabamento PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Spinelli, Miguel

Epicuro e as bases do epicurismo II: a Física de Epicuro / Miguel Spinelli. -
São Paulo: Paulus, 2022. Coleção Ensaios filosóficos.

ISBN 978-65-5562-676-6

1. Epicuro 2. Filosofia grega I. Título II. Série

22-4153

CDD 187

Índice para catálogo sistemático:

1. Epicuro



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**

Teleendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-676-6

NOTA INTRODUTÓRIA

Uma obra não se avalia por aquilo que ela não fez, e, menos ainda, por aquilo que alguém gostaria que o autor tivesse feito. Cada obra tem uma trajetória que lhe é própria, a ponto de, uma vez concluída, quer para o autor, quer para o leitor, remeter ao início sob o desejo de começar de novo por outro caminho. Tanto o autor quanto o leitor chegam ao final renovados no modo de pensar. De um modo geral, é bem dificultoso para o autor, ao iniciar a obra, dar rumo e orientar certa linha de reflexão ou discurso, mas, depois que a obra toma algum viço, é igualmente difícil deixar de se conduzir por ela. Por isso que, no geral, é mais fácil ou menos oneroso recomeçar do que refazer, construir do que reformar. Toda essa dificuldade se impõe em vista da trajetória percorrida, de modo que já o voltar atrás consiste em fazer outro caminho diferente em seu ir e vir, na ida e na volta, pois, como sentenciou Heráclito, o percurso de um mesmo caminho nunca resulta no mesmo. Um bom exemplo desse desafio pode ser encontrado no *Timeu* de Platão, no qual, lá pela metade, ele retorna ao início, ao modo de quem se dispõe a dar outro rumo para seu discurso, como se começasse de novo.

Cada obra tem o seu roteiro. *Os caminhos de Epicuro* – nosso primeiro estudo a respeito da doutrina de Epicuro e do epicurismo – assim foi denominado justamente por se restringir aos *caminhos* do curso histórico percorrido por Epicuro desde Samos à Casa do Jardim, em Atenas. A obra se restringiu a uma abordagem *preferencialmente* histórica; de modo algum alimentou o desejo de expor e de analisar (mesmo que *en passant* exponha e analise), sob um ponto de vista sistemático, proposições

conceituais do pensamento epicureu. O estudo das bases teóricas do epicurismo ficou para depois, em aberto; deixamos como perspectiva de projetos futuros, em particular dos alunos de História da Filosofia Antiga, na forma de tema de dissertação ou tese de doutorado. A abordagem histórica se impôs como um método de investigação nascido da necessidade de levar os alunos a conhecer um maior espectro da doutrina, e assim estimulá-los ao estudo e à pesquisa. Seria infrutífero, sobretudo ingênuo, não distinguir, de um lado, Epicuro do epicurismo; de outro, ir a Epicuro restringindo-se ao pouco do que restou de seus escritos e, singelamente, acreditar na possibilidade de retirar desse pouco todo o *epicurismo* de Epicuro.

Do pouco que restou da extensa obra de Epicuro, não *ecoa* facilmente um todo bem articulado a ponto de permitir uma reconstrução do edifício epicureu. Dele só é possível visualizar uma estrutura, ou, como disse Francis Bacon, reconhecer “as armações e os andaimes – *machinas et scalas*”.¹ Por certo, Epicuro e o epicurismo, em suas origens, não se constituem em modesto edifício, mas em grandiosa e valiosa construção, que, entretanto, ruiu com o tempo. Em Herculano, literalmente, virou cinzas! Trata-se, todavia, de *reedificação* ainda não realizada e que exige muito labor e empenho pessoal e coletivo. Não é com a explicitação de um tema ou de um conceito da “doutrina de Epicuro”, com uma dissertação ou tese, ou por algum viés da análise histórica que alguém, sozinho, vai reconstruir todo esse edifício, que, aliás, requer um consórcio de competências em vários ramos da filosofia prática e da filosofia teórica.

Concretamente, dos escritos remanescentes de Epicuro, temos três *cartas* e quarenta *máximas* conservadas por Diógenes Laércio (do século III d.C.) na obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Temos também 81 *sentenças* descobertas, em 1882, pelo filólogo austríaco Karl Wotke, na biblioteca do Vaticano,

¹ *Novum organum*, I, CXXV – BACON, Francis. *Nuovo Organon*. Texto latino a fronte. A cura di Michele Marchetto. Roma: Bompiani, 2002. O *Novo Órganon* de Francis Bacon é carregado de preciosas referências relativas aos chamados pré-socráticos, em particular quanto às teses de Demócrito, sobre as quais se apoiam as de Epicuro (*Bacon, Galileu e Descartes. O renascimento da filosofia grega*. São Paulo: Loyola, 2013).

por ele publicadas em 1888.² Dentro das 81, treze pertencem ao rol das quarenta *máximas*, de modo que, das 81, restam efetivamente 68 sentenças. Hoje, temos uma ampliação das fontes a partir dos fragmentos recuperados mediante escavações quer na cidade de Enoanda (Turquia), quer na de Herculano (Itália). Enoanda e Herculano são dois fenômenos extraordinários dos caminhos percorridos pela doutrina de Epicuro e de como ela sofreu a impiedade do tempo.

Lá em Enoanda, um rico senhor, de nome Diógenes (do século II d.C.), disposto a difundir os ensinamentos de Epicuro,³ mandou construir e circundar uma grande praça com um monumental pórtico de pedra, de forma retangular, ornado de estátuas, e nas pedras fez talhar máximas e sentenças da doutrina de Epicuro. Por si só, o extraordinário feito denuncia pelo menos duas coisas: a acessibilidade (isto no século II) da língua grega por grande público e a ampliação da figura do leitor, para o qual se escrevia em grego. Não esqueçamos que, no que concerne à doutrina cristã, ela também foi difundida em grego, e não em latim, e isso, evidentemente, porque encontrava leitores. Outro fator relativo ao feito de Enoanda mostra como Diógenes seguiu a tradição cívica costumeira: assim como os governantes das cidades antigas punham, escritas em pedra, ao alcance de todos, as principais normas de conduta cívica, Diógenes, em Enoanda, fez o mesmo com as máximas e sentenças mais valiosas da doutrina de Epicuro. Destruído por um terremoto e soterrado, o monumento começou a ser escavado em uma expedição conduzida, em 1881, pelo também austríaco Otto Benndorf. Foi logo depois, em 1884, em outra expedição conduzida pelos arqueólogos

²Sob o título de *Gnomologium Vaticanum: Epikourou prosphónesis (Sentenças vaticanas: exortações de Epicuro)*. WOTKE, Karl (Hrsg.). "Epicurische Spruchsammlung". In: *Wiener Studien*, n. 10 (1888): 175-201.

³Tarso, terra de Paulo, e Enoanda são cidades próximas. Diógenes viveu no II século, e Paulo, no I. A data atribuída ao feito de Diógenes é registrada por volta do ano 120, praticamente um século depois da morte de Paulo, brutalmente assassinado em Roma por volta de 67.

franceses Maurice Holleaux e Pierre Paris, que os fragmentos começaram a ser decifrados e publicados.⁴

Em Herculano, foi um copista e livreiro da Síria, Filodemos de Gadara, que fundou a mais importante biblioteca epicurista da antiguidade.⁵ Estabelecido em Atenas, Filodemos veio para Roma em 77 a.C., na companhia de Cícero em seu retorno do exílio, e, depois, mudou-se para Herculano, na baía de Nápoles. Lucrécio vivia em Roma nessa ocasião: em 77, deveria ter por volta de 22 anos; Cícero, 29; e Filodemos, 33. Em Atenas, Filodemos frequentava a Escola epicurista do Jardim, dirigida, na ocasião, pelo libanês Zenão de Sídon, cujas preleções Cícero diz ter frequentado, nos anos ao redor de 79 a.C.⁶ Todos esses nomes, com sua ascendência, Diógenes *de Enoanda*, Filodemos *de Gadara* e Zenão *de Sídon*, demonstram a extraordinária expansão e o acolhimento da doutrina de Epicuro naquelas regiões. *Enoanda* era uma cidade da antiga Lícia (hoje, da Turquia); *Gadara* pertencia ao domínio sírio (hoje, da Jordânia); e Sídon ainda hoje é uma das mais importantes cidades do Líbano. Em todas elas prevaleceu a cultura grego-helenística, sob o estímulo do poder político da Macedônia.

O helenismo efetivamente prosperou por lá, em particular o cultivo da língua grega, promovida como um elemento unificador e como língua erudita dos povos naquelas regiões. O fundador do estoicismo, Zenão *de Cítio* (hoje, seria de Lárnaca), é da ilha de Chipre. Ele nasceu em 333 a.C., justo no ano em que também Chipre foi submetida ao domínio macedônico. A expansão da cultura helenística naquela região se deve, primeiro, a Alexandre, que, ao se dar conta de que só pela espada não unificaria os povos de seu império, usou então como estratégia,

⁴ Fonte que forneceu o ponto de partida: SPRATT T.A.B. & FORBES, Edward. *Travels in Lycia*, 2 vols., London, 1847. "Spratt et Forbes, qui les premiers, ont visité les grandes ruines situées, en Lycie, au-dessus du village turc d'Urludja, y ont reconnu les restes de la ville d'Oenoanda, mentionnée par quelques auteurs anciens" (PARIS, Pierre; HOLLEAUX, Maurice. "Inscriptions d'Oenoanda". *Bulletin de correspondance hellénique*. v. 10, n. 10, 1886, p. 216-235, p. 216).

⁵ FITZGERALD, John; OBBINK, Dirk; HOLLAND, Glenn (Eds.). *Philodemus and the New Testament World*. Leiden: Brill, 2004; GIGANTE, Marcello. *Filodemo nella storia della letteratura greca*. Napoli: Accademia di Archeologia, Lettere e Belle Arti, 1988.

⁶ *De finibus bonorum et malorum*, I, V, 16.

a médio prazo, a educação, em vista da qual construiu, ao modo grego, inúmeras cidades e escolas por entre os territórios dos povos invadidos, a fim de “educá-los” na cultura (no saber, nos usos e costumes) e na língua grega. Foi com esse propósito que ele espalhou *Alexandrias* por todos os lados: para levar a *sabedoria* “civilizadora” dos gregos para os mais longínquos recantos e, assim, fazer dos *bárbaros* homens “bons” e civilizados. Depois de Alexandre (que morreu em 323 a.C.), veio Seleuco (morreu em 281 a.C.). Seleuco imperou sobre toda a Ásia Menor, em cuja região construiu, dentro do mesmo projeto de Alexandre, outras tantas cidades, as chamadas *Antioquias*, derivadas do nome de seu pai, Antíoco, igualmente projetadas como centros de educação e civismo e de administração política e jurídica.⁷

A biblioteca fundada por Filodemos em Herculano foi soterrada pelo Vesúvio em 79 d.C. Ela somente veio a ser redescoberta em meados do século XVIII. Os arqueólogos já conseguiram encontrar 1.800 rolos de papiro carbonizados, dentre os quais foram identificados vários fragmentos da doutrina de Epicuro, em particular de sua grandiosa obra *Peri phýseōs* (*Sobre a Natureza*). Trata-se da mais ampla e valiosa obra de Epicuro, da qual ele próprio faz explícita referência na *Carta a Pítocles* (§ 91). A *Peri phýseōs* foi concebida e exposta em 37 livros. Lamentavelmente, todos se perderam, inclusive os outros trezentos livros (*bibliōis*) de umas quantas obras, das quais Diógenes Laércio fez o elenco.⁸ Hegel, sobre essa quantidade de *livros* atribuídos a Epicuro, teceu, não sem alguma impiedade e ironia, um comentário divertido: “Essas obras não chegaram até nós, e, a bem da verdade, não há por que se lamentar. Longe disso, devemos dar graças a Deus por não terem sido conservadas; caso contrário os filólogos passariam grandes fadigas com elas”.⁹ Foi o que ele disse a respeito de Epicuro; porém, contra o mesmo Hegel correu,

⁷ BOSWORTH, Albert Brian. *The Legacy of Alexander: Politics, Warfare and Propaganda Under the Successors*. Oxford: Oxford University Press, 2005; GRAINGER, John. *Seleukos Nikator: Constructing a Hellenistic Kingdom*. Oxford/New York: Oxfordshire/Routledge, 2014.

⁸ *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, X, 27-28.

⁹ HEGEL, G. W. F. *Lecciones sobre la Historia de la Filosofia*. II. Edición preparada por Elsa Cecilia Frost. México: Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 378.

e ainda corre, a anedota de que os filólogos alemães deram graças a Deus quando as suas principais obras filosóficas foram traduzidas para o francês.

Quando, entretanto, se diz “livros de Epicuro”, por *livro* cabe entender algo não muito extenso: seria, hoje, o que denominamos de *capítulo* de um livro. Um livro correspondia apenas a um modesto rolo de papiro ou a um couro de cabra ou de ovelha, nunca de grandes animais. Encheu um couro, completou um livro! Daí a preocupação com a precisão e a concisão, que implicavam evitar ao máximo o desperdício de palavras. Bem por isso os escritos dos filósofos gregos sempre se restringiam a um arranjo preciso de ideias proferidas mediante máximas e sentenças breves, que, todavia, não resultavam, de imediato, necessariamente claras ou de fácil interpretação. Atentavam, ainda, contra os livros o mofo e a traça com fome, que sempre findava por se alimentar ou de uma boa palavra, ou de algumas letras, ou apenas de um “espírito” forte ou fraco!

A vinda do livreiro Filodemos para Roma, a fundação e o aparelhamento da biblioteca de Herculano foram acontecimentos que deram novo vigor ao epicurismo na Itália, particularmente em Roma. Filodemos, filósofo e poeta, era um discípulo devotado a Epicuro, tanto quanto Lucrécio. Devido, em particular, a Filodemos, naquele momento, foram sem dúvida as obras de Epicuro, e não meros compêndios, que vieram a alimentar o mundo acadêmico e, às margens dele, a reflexão e a explanação teórica dos discípulos, como Lucrécio, ou de estudiosos, como Cícero. Citamos os dois em razão de que foram Lucrécio, com o *De rerum natura*,¹⁰ e Cícero, com várias obras (*De finibus*, *De natura deorum*, *De fato*, *Tusculanas*, *Academica*), que dimensionaram (o primeiro enquanto “fiel” expositor, e o segundo como intérprete e crítico) o percurso histórico da doutrina de Epicuro. Um dado curioso, e do qual não há como saber a razão, decorre do fato de Diógenes Laércio ter dedicado, na obra

¹⁰ A tradição tende a preferir como tradução “*Da natureza das coisas*”, porém, “*Das coisas naturais*” seria a tradução mais precisa e apurada, visto que melhor expressa o conteúdo do poema. Cf. “Lucrécio e Virgílio: as várias faces de Vênus, musa, genitora e vulgívaga”. *Revista Hypnos*. São Paulo, n. 23, 2009, p. 258-277.

Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres, um livro inteiramente a Epicuro, e não ter citado Cícero nem Lucrecio (que viveram dois séculos antes). Diógenes Laércio não cita igualmente Diógenes de Enoanda (que viveu um século antes).

Efetivamente, não sabemos a razão pela qual Diógenes não cita Lucrecio, nem Cícero, nem Diógenes de Enoanda. No livro X da *Vidas e doutrinas*, além de informações históricas valiosas, Diógenes fez constar três *Cartas* de Epicuro (a Heródoto, a Pítocles e a Meneceu) e também as *Máximas principais* (*Kýriai dóxai*). É fato que Diógenes teve em mãos, disponíveis, várias obras de Epicuro, porém, de modo seletivo, e por alguma boa razão, optou por difundir apenas as *Cartas* e as *Máximas*. A boa razão, certamente, consistiu em difundir (oferecer ao leitor e, sobretudo, aos alunos e professores da época) informações sobre a vida e também uma síntese da doutrina dos ditos filósofos *ilustres* (*eudókimos*):¹¹ filósofos de *boa reputação*, de *bom trânsito*. Epicuro recebeu um tratamento superior, na medida em que reservou um livro inteiramente dedicado à explanação de sua vida e à compilação de sua doutrina.

Tudo indica que o próprio Diógenes Laércio fora um adepto do epicurismo. De Epicuro, ele compilou e difundiu as três *Cartas*, justamente pelo fato de o mesmo Epicuro tê-las escrito com estas finalidades: a) oferecer aos discípulos um resumo (*epítomé*)¹² da obra principal, a *Perì phýseōs* = *Sobre a natureza*; b) orientar o *fazer ciência* e o *bem viver* epicureu, ambos com o objetivo de promover o que na vida humana *mais importa*: a vida confortável, saudável e feliz.¹³ Mas, do fato, enfim, de Diógenes Laércio, praticamente cinco séculos depois, mesmo ainda tendo a seu dispor a própria *Perì phýseōs*, contentar-se em compilar

¹¹ *Bioi kai gnômai tôn en philosophíai eudokimesánton*: a tradução portuguesa usual entre nós – *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* – é mérito do advogado Mário da Gama Kury (1922-2016): nasceu no Acre, filho de um imigrante libanês e de mãe brasileira. A par do exercício de sua profissão, ele foi um fecundo tradutor. O mesmo cabe dizer do médico Carlos Alberto Nunes (1897-1990), que nasceu em São Luís do Maranhão, formou-se em medicina, começou a exercê-la no Acre e, depois, veio a se estabelecer em São Paulo.

¹² *Carta a Heródoto*, § 35.

¹³ SEXTUS EMPIRICUS. “Contre les moralistes”, XI, 169. In: *Oeuvres Choiesies de Sextus Empiricus*. Traduite par Jean Grenier. Paris: Aubier, 1948, p. 133-134.

e fornecer apenas as três *Cartas* e as *Máximas*, isso é sinal de que elas eram tidas como suficientes para atender os anseios e introduzir os acadêmicos (da primeira metade do século III) na doutrina de Epicuro.

As recentes descobertas em Herculano de vários fragmentos da *Peri phýseos* demonstra que a mais importante obra de Epicuro esteve por séculos disponível para os discípulos e estudiosos das ideias epicureias. Lucrécio e Cícero se valeram dela. O exemplar ou exemplares guardados na biblioteca de Herculano foram soterrados. Diógenes Láercio, em meados do terceiro século, diz expressamente que se valeu da *Peri phýseos*¹⁴ quando escreveu a *Vidas e doutrinas*. Por certo recorreu aos exemplares disponíveis em Roma ou em outros centros acadêmicos ou dele próprio. Além da *Peri phýseos*, ele diz ter se valido igualmente de outras: do *Grande resumo*,¹⁵ dos *Doze elementos fundamentais da doutrina*,¹⁶ *Sobre a escolha e a rejeição*, *Sobre o fim*, *Sobre a vida* e também de outra carta de Epicuro *Aos filósofos de Mitilene*, hoje perdida.¹⁷ O testemunho de Diógenes Laércio é valioso, visto que demonstra o quanto o epicurismo estava ativo em pleno século III, sendo que ele próprio fez questão de registrar que a escola “permanecia atuante e com um grande número de discípulos”.¹⁸

Diógenes Laércio cita ainda outras obras de discípulos de Epicuro das quais se valeu: duas de Diógenes de Tarso (*Textos*

¹⁴ *Carta a Heródoto*, § 39, 40; *Carta a Pítocles*, § 96; cf. também § 119.

¹⁵ Na *Carta a Heródoto*, no § 84, Epicuro, ao dizer que quer oferecer um *pequeno resumo* (*mikrāi epitomēi*) da doutrina, refere-se, implicitamente, ao *Grande resumo* (*Megále epitomēi*): obra que, em si, continha uma explanação detalhada dos fundamentos normativos da doutrina registrados em outra grande obra, *Sobre os critérios ou cânon* (*Peri kriteriou hē kanōn*), em cujo título os conceitos – *critério* ou *cânon* – foram concebidos como se fossem sinônimos. Cf. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, X, § 28 e § 14; *Epicuro e as bases do epicurismo*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 113ss.

¹⁶ *Dódeka stoiceiōsesí* (*Carta a Heródoto*, § 44); trad. de Mário da Gama Kury.

¹⁷ Todas as quatro, incluindo a carta, foram citadas no § 136; respectivamente: *Peri airēseos kai phygēs*; *Peri télous*; *Peri bíon*; *Mytilēne phílous epistolei*.

¹⁸ *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, X, 9.

seletos¹⁹ e *Resumo das doutrinas éticas de Epicuro*²⁰) e uma de Metrodoro dedicada a *Timócrates*.²¹ Diógenes de Tarso foi o discípulo de Epicuro que substituiu Zenão de Sídon na direção da Escola do Jardim. Dos discípulos, Metrodoro foi um dos primeiros. Ele se vinculou à primeira escola fundada por Epicuro em Mitilene. Cícero refere-se a Metrodoro como o “quase outro Epicuro – *paene alter Epicurus*”.²² De Timócrates, Cícero diz no *De natura deorum* que ele era um irmão de Metrodoro.²³ A razão de Metrodoro ter escrito um livro contra o irmão (*Contra Timócrates*) decorreu do fato de ele espalhar contra Epicuro uma *calúnia*, dizendo que os 37 livros da *Perì phýseōs* eram muito repetitivos, e que de Epicuro só tinham o título, e o resto pertencia aos poetas antigos (refere-se aos filósofos que hoje chamamos de *pré-socráticos*).²⁴

Quanto ao item da *calúnia*, Epicuro foi o filósofo que mais sofreu com as *falsas notícias* plantadas na história da Filosofia. Trata-se de um fenômeno perante o qual inclusive Hegel manifestou, nestes termos, estranhamento: os adversários de Epicuro, “principalmente os estoicos, difundiram uma série interminável de histórias malignas e anedotas mesquinhas a respeito dele, todas elas inventadas”.²⁵ Quanto aos vínculos de Epicuro com a tradição cosmológica grega, são inegáveis, razão pela qual dedicamos toda a primeira parte desta obra a investigá-los.

Da *Perì phýseōs*, podemos dizer que restou apenas uma *noção* da Física de Epicuro trasladada feito uma herança registrada nas obras quer dos discípulos de Demócrito, quer, sobretudo, de Epicuro. Na relação com Demócrito, a Física de Epicuro foi erigida como uma amplificação, mas o mesmo não se pode dizer a respeito da *canônica* e da ética. Nos discípulos, a *noção* da

¹⁹ *Carta a Heródoto*, § 37: traduzido de *Epilékton* (*Epi + légo = seleta, antologia*); repetido nos § 119, 136, 138.

²⁰ *Epitomêi tōn Epikourou ethikōn dogmatōn* (*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, X, § 118).

²¹ *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, X, § 136.

²² *De finibus bonorum et malorum*, II, XXVIII, 92; cf. *Os caminhos de Epicuro*, p. 40-43.

²³ *De natura deorum*, I, XXXIII, 95.

²⁴ *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, X, 7; *Os caminhos de Epicuro*, p. 65.

²⁵ HEGEL, Georg. *Op. cit.*, p. 375-376.

Física de Epicuro não recebeu propriamente nem continuação, nem desenvolvimento, mas, sobretudo (caso específico do *De rerum natura* de Lucrécio), uma repetição mesclada à interpretação. Além dos discípulos, temos também os críticos de Epicuro, especificamente os que se valeram da obra (por exemplo, Lactâncio, 240-320), a fim de gerar contraditório em favor de outros interesses teóricos que não os de Epicuro mesmo. Nesse caso, temos uma *recriação de sentidos*,²⁶ em cujo contexto ainda hoje resta difícil saber o que é edificação e o que é degeneração das teses formuladas por ele.

Resulta, pois, que Epicuro e o epicurismo não são, a rigor, exatamente o mesmo, isso em razão quer da recepção, quer da dispersão histórica das teses de sua doutrina, mescladas a outras vertentes teóricas, muitas delas adversárias e contrárias. *Contrárias* no sentido de que a maioria se vale de Epicuro como contraposto em defesa de outros interesses, sem uma rigorosa preocupação no sentido de entender ou explanar o que efetivamente ele propôs ou quis dizer. Dentro desse contexto, os postulados teóricos de Epicuro foram essencialmente *usados*, e não propriamente estudados. Por força desse contexto, quando dizemos *epicurismo*, cabe entender uma confluência entre os postulados de Epicuro e as obras tanto de seus opositores quanto de seus discípulos. São obras nas quais é sempre difícil (daí a necessidade de muita cautela) saber exatamente se os postulados citados são integralmente (sem acrescentar palavras, pretensões e intentos) ou não de Epicuro. O certo é que sua doutrina, desde os primórdios, se fez confrontando-se com as de Demócrito, dos cínicos, dos céticos, dos cirenaicos, dos estoicos e de umas quantas vertentes filosóficas do helenismo.

O fato, por exemplo, de Apolodoro, um dos escolarcas, ter sido considerado “o tirano do Jardim – *kepotýrannos*” pode simplesmente denunciar um empenho no sentido de firmeza e rigidez na manutenção dos caminhos teóricos abertos por Epicuro,

²⁶Tratamos do tema no livro *Helenização e recriação de sentidos. A filosofia na época da expansão do cristianismo, séculos II, III e IV*. 2ª edição revisada e ampliada. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2015.

e que, já na ocasião, fomentavam outros rumos à margem do epicurismo. O *De rerum natura* de Lucrécio comporta a mesma firmeza e rigidez, fato que denuncia um interesse histórico no sentido de fixar e estabilizar a doutrina de Epicuro, que, afinal, devido à sua extraordinária expansão, ficava à mercê de muitos outros interesses que não os dele. Quando morreu Apolodoro, em 81 a.C., Lucrécio, nascido em 99 a.C., já tinha 18 anos de idade. É certo, pois, que havia, na época, um interesse difundido a partir de Atenas, da Escola do Jardim, agregado a um vivo interesse no sentido de promover uma sedimentação da doutrina de Epicuro e de suas proposições teóricas fundamentais. É impossível que Lucrécio, um jovem romano amante da doutrina de Epicuro, nunca tivesse se deslocado até Atenas, centro para o qual, naquele tempo, fluíam os intelectuais, estudiosos e livreiros de Roma.

Lucrécio, é certo, não representa um fenômeno de todo isolado no desenvolvimento histórico do epicurismo. Dizemos isso em razão de que ele, como discípulo, representou propósitos mais amplos: de um lado, o de desfazer mal-entendidos internos à doutrina; de outro, quebrar a hegemonia do estoicismo comodamente instalado no pensamento romano. Lucrécio, todavia, da doutrina de Epicuro não foi um copista, mas um intérprete. Daí que a relação da *De rerum* com a doutrina de Epicuro (à medida que ela passa pelos caminhos fluidos da análise e da interpretação) não é plana. Lucrécio, assim como outros discípulos, por mais fiéis, findaram por agregar, na condição de intérpretes, outros entendimentos e significados que a doutrina originária não necessariamente comportava. O exemplo mais contundente diz respeito à tese do *clinamen*, que, mesmo presumida por Epicuro, encontrou em Lucrécio uma ilustração teórica, que não se encontra nos escritos residuais de Epicuro.

O que se observa é que Epicuro e o epicurismo têm feito um trânsito histórico extraordinariamente vivo e criador, à medida que a doutrina foi e continuou sendo construída e reconstruída no tempo da história. Ela, entretanto, não se construiu, como já dito, voltando-se somente para a posteridade, mas também para a contemporaneidade e para a anterioridade, ou seja, para as